

MOVIMENTOS DA MEMÓRIA EM POEMAS DA RECORDAÇÃO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

MEMORY MOVEMENTS IN POEMAS DA RECORDAÇÃO, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

André Natã Mello BOTTON¹

Edcleberton de Andrade MODESTO²

RESUMO: A memória desvela-se como um caleidoscópio incessante e complexo, que através da capacidade humana de reflexão, é capaz de presentificar momentos, cheiros e outras sensações que ficaram no passado. Por meio da literatura, Conceição Evaristo busca incansável e veementemente retratar em seus livros – no caso desta pesquisa, em seus poemas – recordações de fatos vivenciados, na maioria das vezes relacionando-os a pessoas ou espaços de sua infância ou vida adulta. Levando em consideração tais aspectos, o presente trabalho pretende investigar, através do livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), da autora referida acima, como se delineia os aspectos da memória individual e coletiva no intuito de compreender a literatura como suporte social e de identidade. Para tal análise, faz-se necessário evocar alguns teóricos que já discutiram em seus trabalhos o funcionamento da memória individual e coletiva, ou mesmo, enquanto formadora de identidade, quais sejam: Bergson (1999), Halbwachs (2003), Hall (2014) e Ricoeur (2007). Com isso, ao associar o texto poético mais as teorias aqui trazidas, pretende-se elucidar possíveis questionamentos a respeito dos “movimentos” da memória, ao mesmo tempo em que propõe uma breve explanação a respeito do tema, permitindo, por fim, um diálogo entre teoria e literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira Contemporânea. Memória. Conceição Evaristo. Poesia.

ABSTRACT: Memory shows itself as an unceasing and complex kaleidoscope, beyond the human reflex capacity, it gives moments, smells and different sensations lived in pass. Through the literature, Conceição Evaristo searches tireless and strongly in her books – in this case, in her poems – for experienced acts memories, in most cases relating them to people, either childhood or grown live places. Taking that into account, this paper intends to explore, athwart the book *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), by Conceição Evaristo, how individual and collective memories is sketched in an attempting of understand the literature as a social and identity support. For this analyze, it's necessary evoke some theorists who have already studied the individual and collective memories' operation or while identity trainer, which are: Bergson (1999), Halbwachs (2003), Hall (2014) e Ricoeur (2007). Therewith, when we associate poetic text plus the theories here exposed, we are trying illuminate possible questions about the memory's “movements”, at the same time as we propose a brief explanation about this theme, allowing us to discuss memory theories with literature.

KEYWORDS: Contemporary Brazilian Literature. Memory. Conceição Evaristo. Poetry.

1. Mestre e Doutorando em Letras – Teoria da Literatura – PUC-RS, Porto Alegre, Brasil andre.botton@gmail.com
Bolsista do CNPq – Brasil ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2136-7544>

2. Mestrando em Letras – Teoria da Literatura – PUC-RS, Porto Alegre, Brasil edcleberton@gmail.com Bolsista
CAPES – Brasil ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6632-5997>

Introdução

*“Reconheço tudo isso; na hora própria
serão rememorados esses fatos tristes.”*
Sófocles

Perseguir recordações é um caminho sem um fim exato, o ponto de chegada se dá quando o sujeito decide que alcançou seus objetivos. “Vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada; pelo contrário, obriga a uma perseguição, pois nunca está completa.” (SARLO, 2007, p. 10). Os movimentos da memória são constantes e podem ser acionados por sons, cheiros, sensações, que, por sua vez, trazem recordações do passado ao presente do sujeito. Nesse sentido, “poderíamos dizer que o passado *se faz presente*. [...] o tempo *próprio* da lembrança é o presente [...]” (SARLO, 2007, p. 10, grifos da autora). A recordação de lembranças se dá nessa recuperação das memórias passadas e presentificadas no agora. O sujeito é senhor das suas memórias, mas até certo ponto, pois o esquecimento está constantemente dentro desse jogo do recordar. E quando já não se lembra, ficcionaliza, imagina.

A autora mineira, Conceição Evaristo, é mestra na arte da palavra, em inventar termos e de conseguir extrair de construções textuais os mais profundos sentidos. Nesses jogos de palavras constantemente presentes em suas narrativas, ela reescreve a sua própria história e consegue discutir temas urgentes no contexto social nacional. *Ponciá Vicêncio* (2003, romance), *Becos da memória* (2006, romance) e *Olhos d’água* (2014, contos) são exemplos de obras narrativas que exploram a liricidade presente em seus textos. Dessa forma, Conceição Evaristo discute temas sociais e ao mesmo tempo insere em suas narrativas lembranças da sua infância – como os olhos de sua mãe, as brincadeiras, histórias contadas por familiares – muitos deles que conviveram com a escravidão ou que habitaram lugares marginais da sociedade – e que ganham espaço de forma única dentro da literatura brasileira contemporânea. No entanto, aquela liricidade presente nas narrativas torna-se significativa ao longo dos sessenta e seis poemas que compõem o livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, publicado em 2008.

O livro está dividido em cinco partes, sendo que cada uma delas é aberta por um parágrafo – de cunho narrativo – que serve como “introdução” ou prólogo aos poemas que serão apresentados nas páginas que os seguem. Por sua vez, os textos de abertura e os poemas estão relacionados quanto ao tema, por exemplo, na segunda parte do livro, o texto de abertura fala a respeito da mãe:

O tempo passava e eu não deixava de vigiar minha mãe. Ela era o meu tempo. Sol, se estava alegre; lágrimas, tempo de muitas chuvas. Dúvidas,

sofrimentos que dificilmente ela verbalizava, eu adivinhava pela nebulosidade de seu rosto. Mas anterior a qualquer névoa, a qualquer chuva havia sempre o sorriso, a graça, o canto da brincadeira com as meninas-filhas ou como as meninas-filhas. Foi daquele tempo meu amalgamado ao dela que me nasceu a sensação de que cada mulher comporta em si a calma e o desespero. (EVARISTO, 2017, p. 21).

Esse trecho explicita a relação entre as duas mulheres, e apresenta ao leitor as lembranças da filha quanto aos sentimentos externalizados pela mãe. Ainda, conforme já dito, o parágrafo de abertura serve como apresentação aos poemas que tematizarão os seguintes, como por exemplo: “Eu-mulher”, “Vozes-mulheres”, “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, “Amigas” ou “Bendito o sangue de nosso ventre”. A relação está posta: o fragmento (narrativo) da memória serve como ponto inicial e indicial para a construção lírica da autora em cada parte do livro. Desse modo, um eu-lírico feminino negro adulto presentifica nos poemas as suas recordações da infância, de pessoas, de momentos da vida e de outros temas que se tornam movimentos da memória de Conceição Evaristo.

Por fim, pretende-se ao longo deste estudo fazer a análise dos poemas “Recordar é preciso”, “Fluida lembrança” e “Vozes-mulheres” presentes no livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, com base no conceito de “memória” à luz das teorias de Paulo Ricoeur (2007), Maurice Halbwachs (2003) e Stuart Hall (2014), e outros que serão acionados e discutidos a partir dessa concepção, tais como: memória individual e coletiva, e identidade.

Presentificando a memória

Na primeira parte de *A memória, a história, o esquecimento*, Paul Ricoeur (2007) faz uma análise do conceito de “memória” a partir da fenomenologia, retomando, primeiramente, o pensamento platônico e aristotélico para, na sequência, construir o seu.

O primeiro [Platão], centrado no tema da *eikōn*, fala de representação presente de uma coisa ausente; ele advoga implicitamente o envolvimento da problemática da memória pela da imaginação. O segundo [Aristóteles], centrado no tema da representação de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou aprendida, preconiza a inclusão da problemática da imagem na lembrança. (RICOEUR, 2017, p. 27).

Os dois filósofos gregos partem da ideia da representação para desenvolverem o seu pensamento acerca da memória. Os desdobramentos que fazem sobre o mesmo conceito se dão de modos distintos: Platão percebe que a memória produz duas “mar-

cas” no homem, a cópia (*eikōn*) e o simulacro (*phantasma*), sendo que as duas se perfazem enquanto uma “presença do ausente”. A vivência do sujeito produz “rastros” em sua memória e que ficam “guardadas” em si enquanto cópia e simulacro, sendo que são lembradas quando há um encontro com sensações e reflexões. Por outro lado, Aristóteles percebe a recordação da memória de modo mais ativo, enquanto busca. Para o estagirita, em um primeiro momento, a memória se dá enquanto “afecção”, uma mudança no modo de ser, pois a “coisa” lembrada é um fenômeno presente na alma do homem. Uma vez que aquilo que é lembrado, o fenômeno da memória estaria no passado, em relação “com o futuro da conjectura e da espera com o presente da sensação (ou percepção) que impõe essa caracterização primordial” (RICOEUR, 2017, p. 35). A partir do pensamento Aristotélico, Paul Ricoeur consegue relacionar o seu conceito de “tempo” para posteriormente desenvolver outros estudos relacionados a respeito desse fenômeno³. Por esse caminho, o ponto que ambos os filósofos gregos possuem em comum é quanto ao estímulo externo e à semelhança interna quando a memória é presentificada, sendo que para Aristóteles a busca da recordação na memória possui uma distinção clara entre *mneme* (lembrança, memória-paixão, evocação simples, recordação instantânea) e *anamnesis* (recordação, recordação-ação, esforço de recordação, recordação laboriosa), enquanto características dessa procura. Por fim, o filósofo destaca que o ato de recordação acontece em uma mudança, quando do movimento temporal, ou seja, é nos movimentos próprios do tempo que a busca da recordação (*anamnesis*) possibilita a escrita. Uma vez que o esquecimento está relacionado à memória, o ato de escrever uma recordação torna-se um movimento temporal: em que é trazido ao presente algo que está no passado, para registrá-lo a um futuro, conferindo materialidade própria ao ato. Para Ricoeur (2017), “o suporte da escrita confere materialidade aos rastros conservados, reanimados e novamente enriquecidos por depósitos inéditos. Assim, faz-se provisão de lembranças para os dias vindouros, para o tempo dedicado às lembranças” (p. 56).

Nesse constante devir da memória, no entremeio próprio dela, a imaginação torna-se o que preenche ou liga os “locais” que a memória esqueceu. O ato da recordação estaria dividido em: perceber algo, lembrá-lo e ficcionalizá-lo. “Um limiar de inatualidade é transposto entre lembrança e ficção. A fenomenologia da lembrança deve, então, liberar-se da tutela da fantasia, do fantástico, marcado pelo selo da inatualidade, da neutralidade” (RICOEUR, 2017, p. 65). A lembrança, com isso, torna-se modificação específica da apresentação, pois distingue a reprodução da produção, visto que, faz parte do “mundo da experiência” e não dos “mundos da fantasia”.

3. Neste estudo, não nos cabe fazer maiores digressões sobre o assunto, apenas destacamos aqui o importante estudo de Paul Ricoeur, *Tempo e narrativa* publicado em 1983, em que o autor abordará o conceito de “tempo” – a partir da sua leitura de Aristóteles – em relação especificamente à narrativa.

Ainda sobre a perspectiva do tempo acionada por Paul Ricoeur, faz-se necessário destacar que “reconhecemos a lembrança presente como sendo a mesma e a impressão primeira visada como sendo outra” (2017, p. 56). Se a memória é do passado, e o ato de recordar é do presente, é impossível que a memória consiga em sua busca trazer ao presente exatamente tudo o que aconteceu ou o que vivenciou em um tempo distante. A (re)apresentação de uma lembrança envolve mudança e movimentos intrínsecos à própria reflexão, além de sentimentos e paixões que estão no mesmo plano da memória, enquanto faculdade da mente.

Assim, a memória corporal é povoada de lembranças afetadas por diferentes graus de distanciamento temporal: a própria extensão do lapso de tempo decorrido pode ser percebida, sentida, na forma da saudade, da nostalgia. O momento do despertar, tão magnificamente descrito por Proust no início da *Busca...*, é particularmente propício ao retorno das coisas e dos seres ao lugar que a vigília lhes atribuíra no espaço e no tempo. O momento da recordação é então o do reconhecimento. Esse momento, por sua vez, pode percorrer todos os graus da rememoração tácita à memória declarativa, mais uma vez pronta para a narração. (RICOEUR, 2017, p. 57).

Em uma primeira relação com os poemas de Conceição Evaristo, ao recordar diferentes momentos de sua vida, a autora transforma narrativas em poemas. Pode-se dizer que ao fazer poesia a partir das recordações (expressas nos textos que abrem cada parte do livro), o eu-lírico reconhece na memória fatos e os traz presente ao leitor na forma de memória declarativa. Assim, as narrativas que abrem cada parte de *Poemas da recordação e outros movimentos*, são lembranças que possibilitam a escrita de novos textos (líricos).

Literatura e memória

A História é parcial e parcelar. É parcelar porque conta apenas uma parte daquilo que aconteceu [...]. A História que se escreve e que depois vamos ler, aquela em que vamos aprender aquilo que aconteceu, tem necessariamente que ser parcelar, porque não pode narrar tudo, não pode explicar tudo, não pode falar de toda a gente; mas ela é parcial no outro sentido, em que sempre se apresentou como uma espécie de ‘lição’, aquilo a que chamávamos a História Pátria. (REIS, 1998, p. 79-80).

A epígrafe acima, extraída do livro *Diálogos com José Saramago*, de Carlos Reis, descreve de forma paradoxal o conflito existente entre o fato acontecido e o fato narrado, permitindo, desse modo, uma distinção entre ambos, ao mesmo tempo que estabelece um ponto de equilíbrio. No que compete ao estudo da literatura, os dois trazem

sua importância singular, o primeiro baseado naquilo que aconteceu, fato, portanto imutável e mais próximo do dado “real”. Já o segundo, entremeado de lacunas, mais abrangente, permite inferir tudo aquilo que poderia ter sido, mas não foi.

Quando se trata de literatura e memória é perceptível nas obras de Conceição Evaristo uma produção literária marcada por um posicionamento da mulher negra na sociedade. Seus textos, de um modo geral, recuperam os resquícios de vozes afrodescendentes representadas tanto na prosa quanto na poesia. E é através deste espaço de resistência criado pela escritora, para dar (re)significação à trajetória de sofrimentos e mazelas, que se encontram os fragmentos descontínuos oscilando entre o passado e o presente dos dramas vividos por uma raça.

Mediante tal constatação, o enfoque aqui escolhido, e que servirá como escopo de análise, recai seu olhar sobre os artifícios da memória individual e coletiva, fazendo da obra literária um fruto das experiências, pesquisas e trabalhos empíricos por parte da autora. Logo, é imperioso ressaltar a importância em se descortinar a beleza que se encontra na obra pronta, e dar palco ao trabalho árduo da escritora no processo de criação. Estabelecendo, dessa forma, relações estritas entre suas fontes próprias e as demais que surgirem no desenrolar da jornada. Assim, é com sensibilidade e ternura próprias de uma autora preocupada em recuperar e eternizar por meio da poesia suas memórias que, em 2008, surge o livro: *Poemas da recordação e outros movimentos*. Os poemas de Conceição Evaristo giram em torno de temas como: memória, feminilidade e resistência negra. Sua escrita engajada busca recuperar a identidade enquanto mulher negra através de uma revisão histórica marcada na memória de pessoas que passaram em algum momento de suas vidas pela escravidão, revelando, dessa forma, as marcas que esse regime opressor deixou na população afrodescendente.

Maria da Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais⁴. Filha de uma lavadeira, teve mais três irmãs e outros cinco irmãos, estes que foram frutos da união de sua mãe com seu padrasto. Aos sete anos, foi morar com a tia Lia – que surge, inclusive na dedicatória do poema “Tantas são as estrelas⁵” –, também lavadeira, e o tio Totó, pedreiro. Graças a esses tios, pôde estudar e teve melhores condições de vida que seus irmãos. Aos oito anos, começou a trabalhar como doméstica na casa de pessoas que lhe permitiram ter acesso aos livros de suas bibliotecas e conseguiu, assim, ter contato com a literatura. Nessa época, seus patrões chegavam a trocar livros pelo trabalho da jovem. No entanto, a literatura e as histórias

4. As informações biográficas aqui apresentadas foram retiradas do depoimento da autora publicado no site “Literafro – o portal da literatura afro-brasileira”. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em out de 2018.

5. Conforme a dedicatória do poema: “Em Memória da Velha Lia, minha Tia, que se fez minha mãe, e, mãe de muitos, concebendo todos nós no canto placentário de seu coração maio” (EVARISTO, 2017, p. 111).

que habitam o imaginário da autora vêm de sua casa, das narrativas contadas por seus parentes e amigos. Além disso, “Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária.”

Em 1958, ganhou o seu primeiro prêmio literário na escola em que estudava pela redação “Por que me orgulho de ser brasileira”. Em 1971, concluiu o Curso Normal no Instituto de Educação de Minas Gerais e em 1973 migrou para o Rio de Janeiro para trabalhar como professora. O seu deslocamento se dá porque a favela onde morava estava sendo demolida e, as pessoas, afastadas do centro de Belo Horizonte. Sem outra opção, passou no concurso do antigo Estado da Guanabara e com a ajuda de amigos conseguiu recomeçar uma nova vida na cidade do Rio. Em 1990, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluiu a graduação em Letras, em 1996, na PUC-Rio apresentou a dissertação de mestrado com o título *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, e em 2011, na Universidade Federal Fluminense, defendeu a tese de doutorado com o título *Poemas Malungos: cânticos irmãos*.

“Tínhamos uma consciência, mesmo que difusa, de nossa condição de pessoas negras, pobres e faveladas”⁶. Essa consciência de si é que a autora apresenta em seus poemas, contos e romances, bem como em uma vasta produção acadêmica enquanto intelectual. A estreia de Conceição no mundo da literatura se deu em 1990, quando publicou na série *Cadernos negros*, seus poemas e contos. Em 2003, lançou seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, e, em 2006, *Becos da memória*. A autora mineira possui mais três livros de contos e um de poesia, focalizado neste estudo.

Os poemas recordados

Partindo da premissa de que um relato, testemunho tenha função precípua de reforçar, enfraquecer ou complementar um dado ou informação (HALBWACHS, 2003), a memória será o caminho pelo qual os retalhos das lembranças criam e perfazem um emaranhado combinatório suficiente para a reprodução e/ou recriação do evento tal como ocorrido. A esse respeito, o poema: “Recordar é preciso”, de Conceição Evaristo, estabelece sua temática.

O mar vagueia sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.

6. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: out de 2018.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
Dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
Salgando-me o rosto e o gosto.
Sou eternamente naufraga,
Mas os fundos oceanos não me amedrontam
E nem me imobilizam.
Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.
(EVARISTO, 2017, p. 11).

Logo no primeiro verso, é possível observar aquilo que Halbwachs estabelece como memória individual, e ressalta sua importância como sendo o local de partida e fonte primeira na busca de elementos importantes para a construção do fato. Longe de ser, *a priori*, a única faceta existente sobre uma lembrança, eis que a necessidade urge em desbravar as águas desconhecidas e alheias na tentativa de recuperar algo desaparecido. Assim, pode-se dizer: “A memória bravia lança o leme:/ Recordar é preciso”. Dessa forma, segundo o pesquisador:

[...] como é preciso introduzir um germe em um meio saturado para que ele cristalize, o mesmo acontece neste conjunto de testemunhas exteriores a nós, temos de trazer uma espécie de semente da rememoração a este conjunto de testemunhos exteriores a nós para que ele vire uma consistente massa de lembranças. Ao contrário, quando uma cena parece não ter deixado nenhum traço em nossa memória, se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreveram poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança. (HALBWACHS, 2003, p. 32-33).

Corroborando com a passagem acima, é possível vislumbrar os paradigmas de quem se debruça sobre o trabalho da rememoração. De repente, o fato memorialístico ganha novos contornos passando a se apresentar como uma apropriação que a pessoa faz de outrem, adicionando aos recortes os processos e marcas de sua personalidade, tomando para si uma memória que não era “sua”. Logo, pode-se afirmar que a memória parte da construção cultural e está intimamente ligada à subjetividade do indivíduo, conforme expresso: “O movimento vaivém nas águas-lembranças/ dos meus marejados olhos transborda-me a vida”, a dinâmica própria da rememoração associa-se diretamente às lágrimas, imanente e transcendente tornam-se vida para o eu-lírico.

Nessa movimentação própria da rememoração expressa no poema, estabelece-se a relação entre memória e arquivo, uma vez que ao adotar o segundo como um aglomerado de suportes que preserva, seleciona e remonta o primeiro, tem-se, portanto, a ideia do sujeito como suporte. A memória, para Bergson (1999), é a vida por excelência: “Para evocar o passado em forma de imagem, é preciso poder abstrair-se da

ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar. Talvez apenas o homem seja capaz de um esforço desse tipo” (p. 90). Composto por onze versos, o poema “Recordar é preciso” faz uma clara alusão ao poema de Fernando Pessoa, “Navegar é preciso”, de modo que estabelece uma relação entre a necessidade de buscar/navegar pelos mares das recordações/memórias. Em uma possibilidade ainda maior de relação, poder-se-ia substituir o verso de Pessoa pelo de Conceição, resultando na seguinte forma: “Recordar é preciso; viver não é preciso.” Nesse verso expandido e relacionado está todo o sentido do poema de Conceição, pois o eu-lírico do texto confronta a vida como recordação do passado, e a recordação como essa busca constante no oceano profundo da memória. O poema abre o livro e dá o tom daquela “busca ativa” da memória (RICOEUR, 2007) que se desdobrará enquanto exercício de recordação na escrita dos outros textos. As imagens usadas em “Recordar é preciso” estão repletas de imagens que aproximam o mar, enquanto os pensamentos e as memórias, com a busca das recordações – uma memória ativa e reflexiva (RICOEUR, 2007) –, como um barco que desbrava os oceanos que são profundos de lembranças. A profundidade desse espaço marítimo é tão grande que é capaz de pelas lágrimas do eu-lírico (igualmente salgadas, assim como as águas dos mares) presentificar sentimentos e paixões que ao mesmo tempo não a deixam afundar, mas que são cheias de um mistério composto, em alguma medida, pelo próprio esquecimento. As memórias – oceanos – se materializam enquanto lágrimas e chegam a verter pelos olhos.

Nessa capacidade de guardar em si memórias suas e de outros, o ser humano, nesse movimento, torna-se como um arquivo, nas palavras de Halbwachs: “[...]o chamamento a um estado de consciência individual que chamamos de intuição sensível – para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social” (2003, p. 42). Nesta conjectura, a construção primária da memória se dá de forma individual, uma vez que está inserida a um elemento social, é possível, dessa forma, relacioná-la com o universo que a circunda. Quando se refere ao exterior, surge o conceito de “arquivo”. Com isso, pode-se considerar a memória enquanto construção de registros e de apagamentos, demarcando nela as mesmas questões coletivas e subjetivas. Já o arquivo evita o apagamento da memória, esta sempre passível de esquecimento. A relação memória-esquecimento pode ser discutida tendo como exemplo o poema “Fluida lembrança”, de Conceição Evaristo:

No líquido do copo
entorno a sua fluida
lembrança.
Bebo aos goles
o seu doce caldo
armazenado e curtido

em minha memória
e, quando depois
me erro nos passos,
inebriada dos meus enganos
toco o vazio de sua ausência
percebendo, então,
que você me escorre dos sonhos
tal qual a baba indomável
que da boca do bêbado sonolento
escapa.
(EVARISTO, 2017, p. 67).

Nesse texto, o eu-lírico traz ao leitor a relação da lembrança com o líquido que escorre e que ao mesmo tempo fica registrado dentro do copo da memória, podendo a qualquer momento escorrer e sair de dentro do recipiente. Ao que se vê, do verso 4 até o 11, as lembranças caem nos labirintos da memória, e não será surpresa se estas se perderem no transcorrer do tempo. Assim, continuando na esteira do pensamento da escritora, pode-se observar a efemeridade da memória, e o quão breve esta se desfaz nos recônditos da mente humana. Outro elemento trazido nesse texto é a reflexão que a recordação suscita. Para Paul Ricoeur (2007), toda lembrança faz parte também de um certo nível de reflexão. A memória não fica imune dos juízos da mente humana: “Bebo aos goles/ o seu doce caldo/ armazenado e curtido/ em minha memória”. Em outras palavras, toda recordação quando buscada, após ser acionada por um outro sentido externo, está sujeita à reflexão. Desse modo, enquanto líquido que flui, a sua apreensão é transitória e passageira, não permite por si só ficar imune da própria reflexão, é a consciência do homem de saber que sabe o que sabe. Portanto,

[...] existiriam memórias individuais e, por assim dizer, memórias coletivas. Em outras palavras, o indivíduo participaria de dois tipos de memórias. Não obstante, conforme participa de uma e de outra, ele adotaria duas atitudes muito diferentes e até opostas. Por um lado, suas lembranças teriam lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal – as mesmas que lhes são comuns com outras só seriam vistas por ele apenas no aspecto que o interessa enquanto se distingue dos outros. Por outro lado, em certos momentos, ele seria capaz de se comportar simplesmente como membro de um grupo que contribui para evocar e manter lembranças impessoais, na medida em que estas interessam ao grupo. (HALBWACHS, 2003, p. 71).

Os textos de Evaristo aqui focalizados são exemplos desses dois tipos de memória: a individual e a coletiva. Em “Recordar é preciso”, o eu-lírico parte de si para refletir sobre uma memória que se faz também presente num coletivo que a ultrapassa e a insere em um determinado grupo social – aqueles “fundos oceanos” fazem parte

também de uma memória coletiva que voltou ao sujeito e compõem ao mesmo tempo a memória individual. Já em “Fluida lembrança”, o eu-lírico está mais preocupado com a lembrança que um outro deixou no eu – uma reflexão muito mais subjetiva sobre os efeitos das lembranças e das recordações que a memória armazena. De modo semelhante, a consciência da memória individual pode também ser expandida quando se reflete sobre a própria história individual, “é bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido cada um de nós tem uma história.” (HALBWACHS, 2003, p. 57). Ou seja, sem uma linha cronológica exata, as lembranças da memória podem se constituir enquanto história individual apenas quando recordadas e organizadas como narrativas, nesse último momento, aí, sim, atingindo uma organicidade e uma linha cronológica histórica do homem.

Concedendo ênfase ao que fora referido, as diferenças entre a memória individual e a coletiva se dão na relação de existência das duas e se fazem de maneira muito tênue: individual-coletiva-individual. Há uma interdependência entre as duas, pois uma sem a outra não existe: diversos sujeitos têm uma memória individual a respeito do mesmo fato, por sua vez, no momento em que a compartilham e percebem os traços em comum, torna-se coletivo, no sentido de vários sujeitos de um mesmo grupo possuírem a mesma recordação acerca de um dado, mas com perspectivas e percepções diferentes. Por fim, toda memória coletiva, em algum modo, tornar-se-á uma narrativa contada a um outro, seguindo-se, assim aquele esquema da memória: individual-coletiva-individual. Para o pesquisador, as lembranças surgem do convívio e das relações mantidas com outros, partindo do meio social se cria representações do passado baseadas na percepção de outras pessoas, naquilo que se inferiu ter acontecido ou internalizando a memória histórica. Assim, a lembrança é uma imagem correlata de tantas outras na construção do passado que é recriada com a ajuda de dados trazidos no presente do momento da recordação – lembrando que o sujeito não é um ser a-histórico e que sofre influência de outros acontecimentos –, nas palavras de Conceição: “sou eternamente naufraga”.

Ainda a respeito do poema “Recordar é preciso”, faz-se necessário ressaltar um recurso linguístico utilizado no decorrer do texto, a contiguidade, que compactua com a ideia da escritora. Destarte, palavras como: “mar”, “vagueia”, “leme”, “águas-lembranças”, “transborda”, “naufraga”, “oceanos”, “boia” e “emerge”, remetem, obrigatoriamente, ao passado pelo qual muitas pessoas do seu povo tiveram de passar na travessia dos navios negreiros África-Brasil durante a escravidão. Neste ponto, é possível analisar o que Halbwachs quis dizer quando defendeu a ideia de que a memória individual está estritamente ligada à memória coletiva.

Outro aspecto a ser observado, e que se faz presente no poema é destacado pelo verso: “Sou eternamente naufraga”. Em razão disso, surge em pauta a discussão a respeito de identidade ou identificação, como sugerido no texto: “Quem precisa de identidade?”, de Stuart Hall (2014). O verso conceitua o eu-lírico do poema em uma condição imutável, mediante seu passado. Assim, “[...] na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2014, p. 106). Vê-se que a identificação é um processo de articulação ou suturação. Esse aspecto configura um laço emocional com outrem. Elemento bastante perceptível quando se analisa a carga semântica empregada nos versos: “O movimento vaivém nas águas-lembranças / **dos meus marejados olhos transborda-me a vida, / salgando-me o rosto e o gosto**” (EVARISTO, 2017, p. 11, grifos nossos). Desta forma,

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração mas como “o mesmo que se transforma” (Gilroy, 1994): não o assim chamado “retorno às raízes”, mas uma negociação com nossas “rotas”. Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a “suturação à história” por meio do qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático. (HALL, 2014, p. 108-109).

Nesse sentido, a construção da identidade também acontece no “acúmulo” das memórias vindas de outras pessoas e que – na maioria das vezes – são transmitidas oralmente, ou, por meio de imagens e fotos. Desse modo, o processo de construção da identidade, por meio da recordação de memórias, revela-se como a construção de uma memória coletiva pertencente não mais a um único sujeito, mas a um povo, uma comunidade que partilha de traços memorialísticos e outras imagens construídas em uma “imaginação coletiva”. Ao que parece, fica evidenciada a presença de elementos que constituem o trabalho de solidificação da memória, seja ela coletiva ou individual,

tornando-se parte dos traços identitários de uma pessoa. Logo, contribuirá na função de pertencimento a um grupo que partilha de um passado em comum, como é o caso aqui do eu-lírico presente nos poemas.

Essa característica da identidade do eu-lírico que a autora traz em seus poemas ganha destaque em “Vozes-mulheres”:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 2017, p. 24-25).

Em uma livre interpretação – dentro do campo teórico aqui acionado –, poder-se-ia dizer que a memória identitária das mulheres da família do eu-lírico se faz pre-

sente no agora da filha, graças aos ecos da memória que cada uma de suas ancestrais traz e trouxe em si. De modo que uma memória coletiva é recordada graças à voz (as lembranças, histórias) de cada uma, e que remontam à África, uma vez que “a voz de minha bisavó / ecoou criança / nos porões do navio”. Conforme Hall (2014), o acúmulo de memórias está presente nas lembranças recolhidas e rememoradas, com isso, a voz da filha teria em si todas as outras mulheres antes dela, bem como histórias que lhe foram contadas sucessivamente. No entanto, no texto de Conceição Evaristo, as memórias são como um eco que reverberam por vários espaços e pessoas independentemente do tempo e das condições, pois são vozes-mulheres, ou seja, o próprio ser de cada mulher é capaz de trazer em si – ou até mesmo em seu corpo – as marcas de histórias passadas. Além disso, o eu lírico deixa claro no verso “A minha voz ainda/ ecoa versos perplexos/ com rimas de sangue/ e/ fome” que após três gerações – de silenciamentos – ela foi a única que pode ter as condições necessárias para registrar por meio de seus versos escritos os ecos de tantas outras vozes-mulheres que sofreram antes dela – seja na escravidão, no trabalho de servidão doméstico ou mesmo na presença constante da fome. Mas o eu lírico encerra o poema com uma esperança: a filha. É nela que as vidas e as esperanças das quatro gerações passadas estão encerradas, nela estão presentes o ontem, o hoje e o agora, nela está o futuro, pois por meio da filha é que um novo som será refletido e reverberado para outras gerações: o eco da vida-liberdade.

Considerações finais

Nos poemas aqui analisados, a temática da memória se faz presente. A principal hipótese está embasada na recordação enquanto movimento ativo da memória. Conforme o estudo já referido de Ricoeur (2007), uma memória ativa e reflexiva acerca dos fatos que foram vivenciados ou não pelo sujeito é presentificada no momento da recordação, a base da imagem rememorada é a mesma, contudo apresenta-se ao intelecto com novas formas, sentidos e dependente da vivência do eu. No caso dos textos de Conceição Evaristo, os meios de produção beiram às margens da sociedade, ou seja, não está alheia ao campo onde os poemas estão inseridos. Logo, torna-se clara a intenção da autora em discutir assuntos que lhe são caros, uma vez que na história de Evaristo o passado se faz presente com suas mais diversas consequências. Não obstante a isso, vale ressaltar o papel que a autora desempenha na sociedade, mediante sua escrita, que rompendo com estigmas de silenciamento, se utiliza da arte da palavra – a literatura –, como ferramenta de reivindicação, principalmente, dando vozes às mulheres negras marginalizadas de uma sociedade altamente segregativa e ainda escravagista.

A partir dos pressupostos acima, fica evidente a importância da memória individual no processo de construção da memória coletiva, uma vez que suas lembranças são constituídas no interior de um determinado grupo de pessoas, com história, consciência e crítica. Logo, é importante destacar a subversividade em se pensar a memória na mesma medida da construção da subjetividade do sujeito – e, por extensão, do próprio desenvolvimento identitário individual, por meio do coletivo –; por sua vez, a escrita da memória, enquanto materialidade, torna-se como um arquivo das histórias colhidas através dos mais diversos suportes culturais.

Por fim, cabe encerrar este trabalho com um trecho do poema “Do velho ao jovem” que discute o passar do tempo e a identidade que vai sendo construída dos jovens a partir das histórias dos velhos. Os dois últimos versos são elucidativos da discussão presente neste texto:

Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
E não há quem ponha
um ponto final no rap

é preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora. (EVARISTO, 2017, p. 89).

Outras histórias serão contadas por jovens, outras memórias serão construídas a partir de recordações e outros movimentos. Outros artigos devem ser escritos sobre essas vozes-ecos (nos termos do poema de Conceição Evaristo) para que também essas recordações não se percam e ganhem discussão dentro da Academia a respeito dos silenciamentos impostos por uma classe dominante a tantos e tantas que sofreram pela imposição de um único discurso. Uma vez mais, perceber e discutir a importância dessas vozes dentro da literatura brasileira contemporânea é possibilitar que a voz de quem foi por tanto tempo silenciado seja ouvida, mas mais do que tudo, que as suas memórias ecoem por todos os cantos.

Referências

- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15.ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014, p. 103-133.

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Editorial Caminho, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et. al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2007.